

O LEITOR EÇA DE QUEIRÓS

THE READER EÇA DE QUEIRÓS

Lucianne Michelle de Menezes¹
Mestre em Letras
Universidade Federal Fluminense
(lumy@hotmail.com)

RESUMO: Neste texto são comentadas as leituras críticas que o autor Eça de Queirós realiza diante da sociedade portuguesa e verifica-se como ele relaciona o fenômeno da leitura a um forte indicativo de valores sociais, culturais e éticos. Os resultados de suas análises foram publicados sob a forma de crônicas e mais tarde percebeu-se como tais leituras ligam-se estreitamente à criação de cenários e personagens, dentro da sua produção literária, como se observa precisamente em **O primo Basílio**. Tal romance revela as incursões da leitura desempenhada por Eça e as suas opiniões acerca das condições sociais da mulher no século XIX, notadamente no que se refere às experiências femininas de leitura.

Palavras-chave: Leitura; Literatura; Valores sociais

ABSTRACT: In this paper the critical readings that the author Eça de Queiroz performed on the portuguese society are discussed. It is also verified as he relates the phenomenon of reading to strong indicators of social, cultural and ethical values. The results of his analysis were published as chronicles, and later it was realized how such readings bound closely to the creation of scenarios and characters, within his literary production, as one can see in *O primo Basílio*, precisely. This novel reveals the reading inroads performed by Eça and his opinions about the social condition of women in the XIX century, especially toward women's experiences of reading.

Keywords: Reading; Literature; Social values

Eça de Queirós dirigiu um olhar atento ao fenômeno da leitura, conforme demonstram os textos em que expressava incisivamente a sua opinião sobre tal prática, a exemplo das crônicas – **As farpas** (1871-72) – publicadas em fascículos mensais e mais tarde reunidas em dois volumes intitulados **Uma campanha alegre** (1890). Não apenas nessas obras mas também naquelas de caráter ficcional, como no romance **O primo Basílio** (1878), é possível perceber que o escritor português considerava que a leitura constituía um fiel indicador de valores sociais, culturais e éticos, dispensando especial atenção à realidade portuguesa do século XIX.

Cunha (2004) estabelece uma criteriosa caracterização acerca do leitor Eça de Queirós:

Como homem de cultura, Eça de Queirós foi naturalmente um leitor – entusiasta, atento [...]. Leu com os olhos do escritor que pondera

¹ Doutoranda em Literatura Comparada

sobre o fenômeno de que é parte ativa, avaliando a beleza ou a eficácia de formas e estratégias, e leu com os olhos do crítico, especialmente atento à relação entre a quantidade e qualidade dos produtos (CUNHA, 2004, p. 96-97).

Aquilo que registrava em suas crônicas, a respeito da análise crítica que fazia da sociedade, servia-lhe de referencial para a composição de espaços e de personalidades a que deu vida nos seus romances. Era, portanto, leitor dos fatos sociais, dos costumes de uma época, realizando assim uma prática que transcendia a forma habitual de ler. Eça não compreendia os cenários sociais somente a partir de informações escritas, fixadas em palavras, mas decifrava-os através do que observava nos comportamentos humanos. Tal procedimento de leitura relaciona-se à concepção de Derrida (2006) que não considera passível de ser lido apenas o que está literalmente escrito, mas tudo aquilo que pode comunicar, sob diferentes mecanismos de linguagem.

Nesse sentido, Eça lia a sociedade portuguesa, em especial a burguesia e manifestava, literariamente, algumas impressões a respeito de tais leituras. Mas não apenas na ficção, o leitor Eça de Queirós transparecia. Através das referidas crônicas que escrevia, ele se mostrava atento ao tipo de produção literária que circulava bem como ao deficiente sistema de escolaridade e suas consequências para a qualidade dos leitores. Oferecia assim, ao fenômeno da leitura, uma posição de destaque, como recurso para a observação dos comportamentos sociais.

No que se refere à produção literária, em especial à literatura romântica, Eça considerava-a marcada por um sentimentalismo alienado e doentio, alheio à realidade circundante. “Tudo em torno dela se transforma, só ela ficou imóvel” (QUEIRÓS, 1946, p. 25). A arte, na concepção do escritor, deveria estar atrelada ao exame da sociedade, dos temperamentos e dos costumes. A literatura, nesta perspectiva, precisaria “debruçar-se” sobre a observação e a análise, buscando os seus temas no presente, na vida contemporânea. Arte e sociedade, portanto, deveriam estar firmemente articuladas, promovendo a reflexão crítica acerca dos cenários sociais e dos decorrentes aspectos a eles associados. Eça, na leitura que fazia da arte romântica, considerava-a estagnada, voltada a subjetividades emotivas, enquanto a modernidade, negligenciada, efervescia ao seu redor:

Fala do ideal, do êxtase, da febre [...] de rosas, de líras, de primaveras, de virgens pálidas – e em torno dela o mundo industrial, fabril, positivo, prático, experimental, pergunta, meio espantado, meio indignado:

- Que quer esta tonta? Que faz aqui? Emprega-se na vadiagem, levem-na à polícia! (QUEIRÓS, 1946, p. 25).

O autor de **O primo Basílio** reservava à literatura um carácter eminentemente crítico e participativo. Segundo Franchetti (2001), o método utilizado por Eça de Queirós, na sua criação ficcional, era o exame minucioso e a análise do tecido social de sua época, para assim tentar estimular a correção dos problemas detectados. Com base nisso, verifica-se que o romancista português censurava aqueles escritores que destoavam de uma perspectiva revolucionária para a arte, associando-a apenas ao sentimentalismo banal:

E no meio das ocupações do nosso tempo, das questões que em roda de nós de toda a parte se erguem como temerosos pontos de interrogação, estes senhores vêm contar-nos as suas descrençazinhas ou as suas exaltaçõezinhas! No entanto operários vivem na miséria por essas trapeiras, e gente do campo vive na miséria por essas aldeias! E o Sr. Fulano e o Sr. Sicrano empregam toda a sua ação intelectual em se gabarem que apanharam boninas no prado [...], esfalfam-se os tipógrafos, arrasam-se os revisores, emprega-se uma imensa quantidade de vida e de trabalho, para que o público saiba que o poeta lírico [...] ama uma virgem pálida com olheiras! (QUEIRÓS, 1946, p. 27).

Ao minimizar o trabalho artístico lírico, empregando os diminutivos “descrençazinhas” e “exaltaçõezinhas”, Eça já antecipa um recurso de construção textual que posteriormente usará na composição da personagem central do romance **O primo Basílio**. A caracterização de Luísa é marcada pelo uso de diminutivos que expõem a fragilidade de seu espírito facilmente impressionável, sonhador e que baseia sua vida nos modelos propostos nas leituras românticas que realiza. O diminutivo revela, na crônica queirosiana, o descrédito do autor português para com as produções destituídas, segundo ele, de uma função relevante e serve também, no texto literário, como elemento sinalizador de um carácter passivo e emotivo, como é o de Luísa. Nota-se, portanto, que Eça subverte o uso dos diminutivos, afinal, no romantismo eles comumente eram empregados para enfatizar sentimentos amorosos, como referências de delicadeza; no realismo, porém, tais expressões são ironicamente trazidas ao texto, como características depreciativas.

Ao referir-se ao amor por uma “virgem pálida”, Eça de Queirós faz referência à idealização da figura da mulher, presente na estética romântica por ele considerada ultrapassada e irrelevante, o que explica o acréscimo dos termos “com olheiras” para dar um tom mais realista e absolutamente contrastante à caracterização feminina em questão.

Por outro lado, é válido ressaltar que o escritor português admitia encontrar em algumas criações românticas, a exemplo da poesia de Byron, Victor Hugo e Lamartine, uma qualidade artística e uma relevância de conteúdo:

Naquelas almas, todo o século com as suas dúvidas, as suas lutas, as suas incertezas, as suas tendências, as suas contradições, se retrata. São grandes almas sonoras onde vibra em resumo toda a vida que as cerca. Estuda-se ali, como num sumário, a existência de uma época (QUEIRÓS, 1946, p. 27).

Mas, nota-se que mesmo enaltecendo as qualidades dos poetas, Eça faz uma leitura das suas produções embasada numa busca de retratos sociais ali infiltrados, ocultos. Considera apreciável tal literatura apenas por conseguir ler ali expressões de pensamentos e angústias representativos de um contexto social. Desse modo, não há uma contradição na perspectiva queirosiana de conceber a literatura, que para ele relaciona-se à recriação crítica do universo social, ainda que isto ocorra de modo diferenciado, sob uma forma mais intimista e subjetiva, como era o caso por ele constatado na poesia inglesa e francesa dos autores citados.

Eça de Queirós, ao comentar as obras de Júlio Dinis, em especial aquela intitulada **As pupilas do Sr. Reitor** (1867), coloca-a como uma espécie de exceção à artificialidade romântica, embora afirme que o seu autor “procura esbater e adoçar a crueza das realidades humanas” (QUEIRÓS, 1946, p. 192). Apesar disso, na sua leitura, Eça capta nuances de um certo realismo, observado no texto a partir de descrições que, mesmo delicadas, são por ele consideradas vivas e surpreendentes. Desse modo, evidencia-se que, embora Júlio Dinis estivesse filiado ao movimento romântico, o seu diferencial, na visão queirosiana, é o fato de que “amava a realidade: é a feição viril e valiosa do seu espírito” (QUEIRÓS, 1946, p. 192). E essa valorização do real é transmitida às suas obras, ainda que, segundo Eça, de um modo “velado de névoa poética” (QUEIRÓS, 1946, p. 192).

Se ao ter contato com romances de Júlio Dinis, a crítica queirosiana denotava certa admiração, no que se refere à leitura da obra de Gustave Flaubert,

percebe-se a manifestação de um verdadeiro enlevo. Ao afirmar a importância da criação literária como um registro cultural e instrumento de aprendizagens, além de um veículo que proporciona a fruição estética, atestando o poder de imaginação do indivíduo criador, Eça atribui a Flaubert o exemplo típico da arte que se eterniza na memória de quem lê:

Podes-me tu dizer quem eram os ministros do Império em 1856, há apenas trinta anos, quando Gustave Flaubert escrevia *Madame Bovary*? Para o saberes precisas desenterrar e esgaravatar com repugnância velhos jornais bolorentos [...] mas de *Madame Bovary* sabes a vida toda, e as paixões e os tédios, e a cadelinha que a seguia, e o vestido que punha quando partia à quinta-feira na *Hirondelle* para ir encontrar Léon a Rouen! (QUEIRÓS, 1961, p. 111).

A leitura de Flaubert proporcionou a Eça um contato com uma estética que, de maneira objetiva, afirmava-lhe os pressupostos de uma arte nova, em que transpareciam elementos da ficção somados aos da realidade social passível de denúncias. No romance **Madame Bovary** (1857), o escritor português encontrava intenções críticas e moralizadoras:

Madame Bovary... essa história profunda e dolorosa de uma pequena burguesia da província tal qual as cria a educação moderna desmoralizada pelos falsos idealismos e pela sentimentalidade mórbida, agitada de apetites de luxo e de aspirações de prazer, debatendo-se na estreiteza da sua classe como num cárcere social, correndo a esgotar de um sorvo todas as sensações e voltando delas mais triste como dos funerais da sua ilusão... (QUEIRÓS, 1961, p. 16-17)

A educação que a camponesa Ema – principal personagem do referido romance francês – recebe no convento das Ursulinas bem como as leituras românticas a que se entrega ao longo da narrativa expõem uma problemática real relativa à formação da mulher e as consequências para o seu desempenho social e sua consciência moral. A figura da leitora desperta especial atenção em Eça de Queirós, seja como leitor da obra de Flaubert, em cuja trama a leitura integrava a rotina de uma mulher e ocasionava sérios resultados, ou ainda no Eça escritor que analisava os comportamentos femininos e sua relação com o que liam. À leitura de romances que privilegiavam o sentimentalismo e a realização pessoal pelo viés amoroso era atribuída a desmoralização dos costumes e tal ideia poderia ser levantada a partir da leitura de **Madame Bovary**. A temática desta obra é mais tarde recriada, transformada por Eça de Queirós quando ele compõe a personagem Luísa,

de **O primo Basílio**. Ela também é leitora assídua de romances e se deixa impressionar pelos fortes apelos românticos advindos dos enredos que encontra nos livros, a ponto de vir a transgredir uma norma social, através do adultério, transgressão essa também verificada em Ema.

Não apenas a temática da leitura feminina e a influência dos romances românticos aproximam **O primo Basílio** de **Madame Bovary**. Elementos da própria construção textual bem como aspectos dos perfis das protagonistas dialogam entre si, revelando que de fato Eça fora um leitor que, embora de modo diferente, também recebeu influências dos romances por ele lidos. Distanciando-se da postura das personagens Ema e Luísa – que se deixam conduzir passivamente pelo que leem – Eça vale-se de suas leituras para estabelecer pontos de contato com a ficção que cria.

As cenas que descrevem os momentos posteriores àqueles em que Ema e Luísa haviam se entregado aos seus respectivos amantes, pela primeira vez, revelam uma grande proximidade entre os pontos destacados por Flaubert e Eça nas suas narrativas. Ambas as personagens, ao retornarem para casa após o encontro clandestino, olham-se no espelho e sentem-se diferentes, parecem perceber, em si próprias, caracteres nunca antes detectados: “vendo-se ao espelho, ficou admirada com o próprio aspecto. Nunca tivera os olhos tão grandes, tão negros e assim tão profundos. Alguma coisa de sutil se espalhara por toda ela, transformando-a” (FLAUBERT, 2003, p. 191). A personagem Luísa manifesta reação semelhante: “Foi-se ver ao espelho; achou a pele mais clara, mais fresca, e um enternecimento úmido no olhar [...]” (QUEIRÓS, 2004, p. 135). A novidade daquela relação amorosa não preenchia apenas os momentos do encontro, estendia-se em sensações posteriores que ambas as mulheres captavam em si mesmas, mediante sua imagem refletida no espelho. Não há expressão de remorso, nem culpa, apenas a constatação do novo e o deleite por ele proporcionado, como se observa na obra francesa e na portuguesa.

Através de **O primo Basílio** é possível entrever a leitura realizada por Eça e a sua tentativa de recriar passagens de **Madame Bovary**; Luísa, do mesmo modo que Ema, se utiliza de uma estratégia para reviver os momentos em que estivera com o seu amante: a memória. “Recordava a sala da véspera, a chama aguçada das velas, e certos silêncios extraordinários em que lhe parecia que a vida parara

[...]” (QUEIRÓS, 2004, p. 135). Ema também relembra o encontro que acabara de ocorrer: “revia as árvores, os caminhos, as valas, Rodolfo; sentia ainda a pressão dos seus braços, enquanto a folhagem tremia e os juncos sibilavam” (FLAUBERT, 2003, p. 190). O leitor de ambas as narrativas também é convidado a rememorar as cenas, novamente descritas mas com uma riqueza de detalhes ainda maior, pois cada pormenor era recordado pelas duas mulheres, o que realça a semelhança entre as obras e expõe o romancista português como leitor e admirador de Flaubert.

Ambas as personagens também repetem para si mesmas exatamente a mesma frase, o que reforça a ideia do encantamento diante da experiência do proibido, da transgressão. “E dizia consigo mesma: - **tenho um amante!** Um amante! - deleitando-se com essa ideia, como se fora uma nova puberdade que lhe sobreviesse” (FLAUBERT, 2003, p. 191, grifo meu). Luísa, por sua vez, também constatava: “imóvel no meio do quarto, os braços cruzados, o olhar fixo, repetia: **Tenho um amante!**” (QUEIRÓS, 2004, p. 135, grifo meu). É no instante em que retornam para casa, após o encontro, que sentem necessidade de pronunciar para si e assim comprovar, ouvindo o som da própria voz, que aquilo que viviam era real, não era fruto do devaneio estimulado pelas leituras romanescas.

Essa atração pela novidade, por algo que quebre a rotina monótona também pode ser verificada tanto em Ema quanto em Luísa, que passam a considerar suas vidas como bem mais interessantes e convidativas. Nota-se que em **Madame Bovary** é o narrador que apresenta as sensações de Ema, quando esta rememora o fato de ter um amante e, de maneira bem semelhante, em **O primo Basílio** também é possível conhecer os pensamentos de Luísa através da voz do narrador. O tipo de abordagem narrativa e o efeito sugerido ao leitor a respeito dos devaneios das protagonistas são realizados de modo bem semelhante e sempre com a interferência do narrador.

la, afinal, possuir as alegrias do amor, a febre da felicidade [...]. Entrava em algo maravilhoso, onde tudo era paixão, êxtase, delírio; uma imensidão azulada a envolvia, os píncaros do sentimento cintilavam sob sua imaginação (FLAUBERT, 2003, p. 191).

Fica claro nesse fragmento que, para Ema, o envolvimento com Rodolfo transformava a sua rotina em “algo maravilhoso”, o que se percebe também no comportamento de Luísa ao receber uma carta em que Basílio mostrava-se

apaixonado por ela: “Parecia-lhe que entrava enfim numa existência superiormente interessante, onde cada hora tinha o seu encanto diferente, cada passo conduzia a um êxtase, e a alma se cobria de um luxo radioso de sensações!” (QUEIRÓS, 2004, p. 134). É possível fazer um contraponto entre as reações descritas pelos narradores de ambos os romances e as sensações expressas em obras do romantismo, em que o sentimentalismo “inunda” a percepção do “eu”. Tanto Flaubert, quanto seu leitor Eça, adeptos do realismo, utilizam-se de tais recursos narrativos como crítica à acentuada emotividade típica do perfil feminino burguês, sempre interessado em leituras e temáticas românticas. As personagens Ema e Luísa julgam estar vivenciando algo que liam nos romances: “Lembrou-se das heroínas dos livros [...]. Ela mesma se tornara como uma parte verdadeira de tais fantasias e concretizava o longo devaneio de sua mocidade, imaginando-se um daqueles tipos amorosos que ela tanto invejava antes” (FLAUBERT, 2003, p. 191). A personagem Luísa também mescla realidade e ficção, associando suas leituras à sua experiência amorosa com Basílio, especialmente quando este lhe avisa que arrumara um local para que ambos pudessem se encontrar frequentemente, de maneira discreta: “Aquela precipitação amorosa em arranjar o ninho [...] produziu-lhe uma dilatação doce do orgulho; ao mesmo tempo que aquele paraíso secreto, como num romance, lhe dava a esperança de felicidades excepcionais” (QUEIRÓS, 2004, p. 141-142).

Por outro lado, nota-se que a criação de Eça de Queirós não se resume a um “estudo aplicado de Flaubert” (SACRAMENTO, 1945, p. 137), se assim fosse, ele seria apenas um artista medíocre e retórico. O realismo de Eça tem aspectos bem particulares e o seu principal artifício é a ironia, que muitas vezes aproxima-se do humor, tamanha a sagacidade das impressões delineadas na sua escrita literária. De maneira muito particular, o autor português lança contradições ao compor cenários, ambientes e principalmente personagens na sua narrativa e isso viabiliza a possibilidade de uma crítica exercida no plano do leitor. Este pode captar certas disparidades intencionalmente lançadas no texto e que revelam, por exemplo, a hipocrisia de uma postura social que não condiz com a leviandade e o egoísmo íntimos, ou ainda a austeridade moral em desarmonia com a vida particular desregrada.

Considerando especificamente a personagem Juliana, pode-se observar que a sua composição também é um grande diferencial na obra de Eça; as descrições desde as físicas até as comportamentais são bastante autênticas e delineadas na narrativa de forma bem peculiar. A linguagem verificada nas cenas que envolvem a personagem revela um teor de ironia que remete ao estilo da obra queirosiana, de uma maneira geral. Além disso, a ousadia, a habilidade de leitura de mundo e a firme determinação ao agir, desafiando a patroa, fazem de Juliana um ser único que, ao contrário de Luísa, não conduz o leitor de **O primo Basílio** a possíveis associações com o romance de Flaubert.

Desse modo, é a ironia queirosiana que marca o diferencial de sua obra. Sacramento (1945), inclusive, afirma que “Eça poderia ter encontrado, sozinho, o realismo, um realismo – o **seu** realismo – sem o concurso de Flaubert” (SACRAMENTO, 1945, p. 138, grifo do autor). Porém, evidencia-se que é marcante a influência do romancista francês na ficção queirosiana, especialmente em **O primo Basílio**, conforme já demonstrado.

Eça de Queirós destaca-se também por uma tendência crítica acentuada. E, uma vez que a obra literária não é uma produção desvinculada de um tempo e de um espaço concretos, é totalmente viável encontrar, na obra do referido escritor, ecos de suas leituras. Tal perspectiva se revela na ficção de Eça, conforme já demonstrado através do exemplo da composição de Luísa, em que é possível traçar um paralelo com a personagem Ema Bovary, de Flaubert. Na crônica queirosiana também se pode perceber o quanto a relação entre leitura romanesca e transgressão feminina era discutida. Tal tema, presente em **Madame Bovary**, compõe a ficção de Eça mas antes já ocupava lugar de destaque na crítica que fazia n’**As Farpas**.

Para o autor de **O primo Basílio**, a leitura sempre foi um forte indicador de questões sociais, no que se refere desde aos baixos níveis culturais que marcavam os leitores portugueses reféns de um sistema escolar deficiente, como também com relação à importância da formação feminina, uma vez que a mulher, no século XIX, tinha a primordial função de educar moralmente os filhos e, portanto, a sensibilidade e a imaginação exacerbadas, oriundas de certas leituras, poderiam representar uma ameaça, já que a educação dada às leitoras não lhes favorecia um

senso crítico. Isto poderia comprometer o seu desempenho enquanto formadora de opinião dos seus filhos.

Com relação ao sistema educacional português, que deveria formar leitores interessados e hábeis, Eça de Queirós apresenta o quadro que esclarece a situação em Portugal, expressamente no ano de 1872:

Eis, resumidamente, o estado da instrução.
 2.300 escolas num país de 4 milhões de habitantes!
 De 700.000 crianças a educar apenas se encontram 97.000 nas escolas! Destas 97.000 apenas se apuram 1.940.
 [...] Os professores têm o ordenado julgado absolutamente insuficiente!
 [...] As escolas são currais de ensino! (QUEIRÓS, 1946, p. 102).

Elencados os motivos que contribuíam para uma insuficiente formação de leitores, no século XIX, percebe-se como tais circunstâncias, de certo modo, mantêm-se ainda atuais, se considerado, por exemplo, o sistema educacional brasileiro. A denúncia queirosiana apontava a educação primária como fonte importante para o desenvolvimento de habilidades de leitura e compunha, inclusive, a imagem de um público leitor adulto que era pouco exigente, interessado em ler algo rápido e fácil. Mas a grande ênfase da crítica era concedida à parte feminina desse público. Nota-se que as mulheres, em especial as burguesas, acostumaram-se a associar o ócio à leitura, ou seja, tal prática vinha preencher os momentos tediosos da rotina das senhoras e das moças da sociedade.

Para Eça, até mesmo a leitura realizada no ambiente escolar contribuía para um cotidiano ocioso na vida das jovens estudantes: “Um dos grandes males do colégio é o tédio. [...] Ora se alguém se aborrece é uma colegial. Presa, abafada, arregimentada, parece uma flor apertada entre as duas folhas de um livro” (QUEIRÓS, 1946, p. 123). E para justificar essa sua concepção, Eça de Queirós vale-se mais uma vez de suas leituras, encontrando respaldo em teorias científicas que atestavam a inferioridade intelectual da mulher devido à sua própria constituição física: “a mulher, pela simples constituição do seu cérebro, é adversa ao estudo e à ciência” (QUEIRÓS, 1946, p. 124). Entretanto, é relevante frisar que, embora as informações científicas do século XIX rebaixassem as figuras femininas com relação à agudeza e a perspicácia mental, a visão queirosiana considerava que eram as circunstâncias sociais que agravavam tal disparidade entre homens e mulheres. Era

a ausência de uma participação mais efetiva na sociedade que barrava o desenvolvimento crítico feminino, pois a mulher estava sempre envolta em situações domésticas que denotavam interesses sentimentais e familiares apenas. Desse modo, a atuação das senhoras era circunscrita ao ambiente do lar, aquela que ousasse ultrapassar tal fronteira, era alvo de críticas e preconceitos. Portanto, o recurso de que dispunha, para ir além do que a vida social lhe reservava, era a leitura. Essa atividade lhe permitia alcançar outros contextos para assim expandir as suas perspectivas, muito embora comumente o romance romântico – gênero ao qual eram dedicadas as atenções femininas – reforçasse apelos amorosos e o ideal de vida pautado no casamento. Mas as mulheres habituaram-se a reconhecer nessas leituras o típico entretenimento para si, conforme expõe Eça:

Entre nós nenhuma senhora se dá às sérias leituras da ciência. [...] Isso lembra-lhes a mestra, o dever, a monotonia do colégio. Depois acham vulgar, insípido. Querem ser impressionadas, abaladas – preferem o drama e o romance (QUEIRÓS, 1946, p. 125).

Verifica-se que a leitura, na visão queirosiana, é um referencial para a análise de quadros sociais e, especificamente a literatura é concebida na sua dimensão formadora, podendo moldar mentalidades. Nessa perspectiva, acrescenta-se que a leitura literária tem a capacidade de promover reflexão e até mesmo influenciar, fazendo-se necessário um amadurecimento crítico para que o conteúdo lido possa ser absorvido e validado ou mesmo questionado e desconstruído. A mulher leitora, no contexto oitocentista, não dispunha de tal embasamento, uma vez que vivia confinada em um universo sentimental.

Eça de Queirós censura a exaltação demasiadamente emocional promovida, segundo ele, pela leitura literária que se empenha em educar “neste sentido: vibrar, sentir fortemente” (QUEIRÓS, 1946, p. 130). E chega a condenar até mesmo a sua própria criação quando esta ainda se firmava em uma matriz romântica. É o caso da obra **O mistério da estrada de Sintra** (1870) que ele escreve em parceria com Ramalho Ortigão e mais tarde caracteriza como “um livro deplorável, que juntava à insignificância literária, a esterilidade moral [...] O que é esse livro? A idealização da catástrofe, o encanto terrível das desgraças de amor” (QUEIRÓS, 1946, p. 130). Entretanto, Reis (1996) afirma que tal texto abre caminho à análise de costumes mais tarde observada na obra queirosiana. Considerando, por

exemplo, o romance **O primo Basílio** que é posterior a **O mistério da estrada de Sintra**, pode-se observar que costumes tais como as leituras românticas, a sensibilidade exasperada, os afloramentos do “bovarismo” começam a ser tematizados como objetos de crítica. Eça faz do romantismo (em especial a retórica sentimentalista da segunda geração) um dos alvos preferenciais da sua “militância” realista e naturalista. A sua ideia acerca da literatura relaciona-se a uma concepção pedagógica e interventiva, em que tal arte agiria em prol da denúncia e da reflexão sobre os comportamentos sociais e morais.

Um dos pontos combatidos por Eça, no que se refere à literatura romântica, é o fato de esta associar-se à transgressão feminina. Como se observa na personagem Ema, do romance de Flaubert, tão agraciado pelo escritor português, a influência da leitura sentimental e a ausência de um distanciamento crítico levariam a mulher ao adultério. É o que se nota também no comportamento de Luísa, personagem queirosiana. A visão masculina de Eça, perante a mulher adúltera, revela toda a base de composição da referida personagem por ele criada. À traição feminina relacionava-se um envolvimento amoroso fútil, permeado por detalhes que enfatizam a emotividade e o tédio exacerbados, como elementos que induzem ao “desvio moral”.

Ter um amante é ter a feliz, a doce ocasião destes pequeninos afazeres – escrever cartas às escondidas, tremer e ter susto; fechar-se a sós para pensar, estendida no sofá; ter o orgulho de possuir um segredo [...] Estas pequeninas coisas, que enchem a sua existência, que a complicam em cor de rosa, que a idealizam – são a sua grande atração. É o que amam. O homem, amam-no pela quantidade de mistério, de interesse, de ocupação romanesca que ele dá à sua existência (QUEIRÓS, 1946, p. 202, grifo do autor).

Evidencia-se que o adultério, segundo Eça, preenchia a rotina feminina, tornando-a mais interessante e convidativa. À semelhança do romance, que desempenhava semelhante função: a de romper o tédio da existência feminina burguesa. O criador de Luísa já manifestava, previamente, a associação que fazia entre a leitura acrítica da mulher e a sua transgressão. Criticava o fato de a mulher, no século XIX, ser educada, desde criança, exclusivamente para o amor e para o casamento como realização máxima desse sentimento. As preocupações que norteavam a educação das meninas eram voltadas à vestimenta, ao andar, à aparência física, para assim tornarem-se graciosas e poderem atrair um marido.

Além da leitura, o passatempo das moças burguesas era “a arte sentimental e inútil de bordar flores e pássaros” (QUEIRÓS, 1946, p. 203). A formação musical comumente também tinha apelos amorosos e visava à sedução: “Prepara-se-lhe assim um meio de encantar, de sensibilizar [...] e dá-se-lhe alguma coisa da habilidade das sereias. Depois o seu espírito, como é educado? Pelo romance que lhe descreve o amor” (QUEIRÓS, 1946, p. 204). A leitura romanesca, portanto, representava o auge da educação romântica feminina e, na concepção queirosiana, tornava a mulher mais propensa à infidelidade: “O romance, esse, é a apoteose do adultério” (QUEIRÓS, 1946, p. 28).

Com relação à obra ficcional **O primo Basílio**, cuja personagem central – Luísa – é composta com base numa educação sentimental que será alvo de irônicas críticas, Dal Farra (2004) esclarece que a estratégia narrativa do escritor português é possibilitar ao leitor de tal livro o questionamento, ao deparar-se com a problemática que envolve a referida protagonista. Com relação à Luísa, como era extremamente influenciável, “se tivesse lido **Madame Bovary**, não teria sido possível a Eça escrever **O primo Basílio**” (DAL FARRA, 2004, p. 10). Mas o leitor foi Eça, que acaba por oferecer uma demonstração de que, ao contrário de Luísa, era um leitor distanciado, a ponto de perceber as intervenções críticas presentes na obra de Flaubert e a partir de tal leitura motivar-se a criar uma nova narrativa literária, muito embora continue a enfatizar os mesmos pontos combatidos pelo autor francês: a situação social feminina e a repercussão disso na sua experiência como leitora.

Assim, a partir das considerações apresentadas, foi possível demonstrar o quanto o escritor português Eça de Queirós interessou-se pela leitura enquanto um fenômeno revelador de fatores sociais. Observava desde o processo de formação de leitores, em que se destacam as condições de atuação dos professores nas escolas e o perfil do alunado, como também concedia especial atenção à figura da leitora, uma vez que, naquela época, cabia à mulher uma maior responsabilidade na educação moral dos filhos, pois a ela eram delegadas as atribuições referentes à condução do lar, às questões familiares. Como era a principal transmissora de princípios morais dirigidos a indivíduos que posteriormente tornar-se-iam cidadãos, sua leitura era de fundamental importância para indicar seus níveis intelectuais e sua capacidade de educar.

Eça combate severamente a formação dada às mulheres burguesas, constantemente embasada em sentimentalismos, com a finalidade única de prepará-las para o casamento. Nesse ponto ele se contradiz, pois, quando delega à mulher a responsabilidade pela educação moral dos filhos, também a restringe à perspectiva do casamento e aos deveres do lar. A diferença é que, na sua perspectiva, a esposa deveria repelir arroubos românticos, assumindo uma postura mais “séria” e construindo assim um casamento adequado à realidade.

Mas a atenção de Eça é bem mais voltada às leituras femininas e aos indicativos sociais que elas revelam. Nessa perspectiva, ele censura a literatura romântica, julgando-a propulsora de temáticas frívolas, exageradamente voltadas a assuntos amorosos que predispuham a mulher ao atraso intelectual e até mesmo ao adultério, o que ressalta certa ênfase dada pelo escritor à temática do casamento. A tentativa de preencher uma rotina tediosa impulsionava a mulher a uma leitura limitadora que apenas confirmava a sua inferioridade social; como não lhe era permitido ingressar em atividades tipicamente masculinas – negócios, viagens, compromissos de trabalho, entre outros – restava-lhe ler, normalmente romances que falavam de sentimentos, de sonhos e fantasias. Embora tais textos a desligassem de seu cotidiano estritamente voltado ao ambiente doméstico, ainda assim a confinavam no universo feminino burguês, em que o seu espaço restringia-se às determinações do casamento.

Por outro lado, para além da perspectiva queirosiana, é válido acrescentar que não seria necessariamente a natureza da literatura lida a principal causa da limitação intelectual feminina da época. O modo como a mulher lia era que determinava sua inferioridade, ela não alcançava uma perspectiva crítica que a fizesse reconhecer naqueles romances um trabalho ficcional em que o leitor atua na construção de sentido do texto, não apenas confirmando as ideias lançadas mas também fazendo delas objeto de questionamentos. A leitura feminina, portanto, poderia estar voltada a qualquer tipo de texto, desenvolvido sob qualquer temática; desde que ela soubesse posicionar-se criticamente diante do que lia, não se deixaria envolver, a menos que o quisesse. Como expõe Costa Lima (1983), os pressupostos socioculturais do leitor interferem na sua capacidade interpretativa. Desse modo, como o próprio Eça expunha, a leitura – feminina ou mesmo de um modo geral – fornece indícios para uma análise de aspectos sociais, revelando mentalidades e

comportamentos culturais, bem como acentuadas divergências no tocante à atuação masculina e feminina na sociedade.

O grande ponto de crítica acerca da leitura da mulher oitocentista diz respeito à sua formação intelectual limitada e retrógrada, interessava-lhe somente a literatura romântica, não avançava em busca de outras modalidades artísticas, científicas e/ou informativas, visto que seu modo de vida não comportava reflexões dessa ordem. Eça de Queirós percebia no fenômeno da leitura, especialmente na feminina, uma fonte de análise e denúncia social. Condenava a literatura romântica por não encontrar ali perspectivas que julgasse relevantes, que estimulasse a reforma do funcionamento da sociedade. A sua ótica realista o impulsionava a aproveitar suas próprias leituras, a exemplo daquela voltada à criação literária de Flaubert, para produzir uma arte de combate, de reflexão social, como se evidencia no seu romance **O primo Basílio** em que, entre outras coisas, pode-se encontrar a descrição de uma leitora, cujo comportamento em muito se assemelha àqueles captados e censurados pelo leitor Eça de Queirós.

Referências

COSTA LIMA, L. Hermenêutica e abordagem literária. _____. **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, v. I, p. 52-83.

CUNHA, M. do R. **A inscrição do livro e da leitura na ficção de Eça de Queirós**. Coimbra: Almedina, 2004.

DAL FARRA, M. L. Eça educador e aprendiz. Prefácio a **O primo Basílio**. São Paulo: Ática. 2004, p. 3-10.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

FLAUBERT, G. **Madame Bovary**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

FRANCHETTI, P. **O primo Basílio** – edição comentada e anotada. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

QUEIRÓS, E. de. As meninas da geração nova em Lisboa e a educação contemporânea. _____. **Uma campanha alegre**. Porto: Lello & Irmão, 1946, v.2, p. 105-32.

_____. **Ecos de Paris**. Porto: Lello & Irmão, 1951.

_____. **O primo Basílio**. São Paulo: Ática, 2004.

REIS, C. Eça de Queirós e o Romantismo. **Revista da Associação de Estudos Portugueses**, Recife, ano VI, p. 73-87, dez. 1996.

SACRAMENTO, M. **Eça de Queirós, uma estética da ironia**. Coimbra: Coimbra, 1945.

Recebido em 27 de fevereiro de 2014
Aprovado em 13 de abril de 2014